



Como retratos e podcasts podem mudar a percepção sobre a deficiência?

Dra Pamela Block, Dra Nádía Meinerz e Bruna Teixeira

No quarto de K. © Thayllany Ferreira e Rebeca Ferreira



www.futurumcareers.com

Inspirando a
próxima geração

Como retratos e podcasts podem mudar a percepção sobre a deficiência?

A deficiência é retratada frequentemente como algo indesejável, algo que impede as pessoas de viverem uma vida feliz, saudável e completa. Construir e difundir imagens positivas da deficiência pode ajudar a mudar essa narrativa equivocada. A **Dra. Pamela Block**, da **Western University** no Canadá, a **Dra. Nádia Meinerz**, da **Universidade Federal de Alagoas** no Brasil, e **Bruna Teixeira**, do coletivo artístico feminista **Ateliê Ambrosina** no Brasil, estão explorando deficiência e identidade por meio de retratos, podcasts e ativismo visual.



Dra Pamela Block

Professora, Departamento de Antropologia,
Western University, Canadá

Campo de pesquisa

Antropologia da deficiência: percepções culturais sobre a deficiência, cultura da deficiência e ativismo



Dra Nádia Meinerz

Professora Associada, Instituto de Ciências
Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Campos de pesquisa

Estudos sobre saúde, gênero, sexualidade e
deficiência



Bruna Teixeira

Diretora Fundadora do Ateliê Ambrosina

Campos de pesquisa

Artes visuais, corpos queer, corpos com deficiência

Website

retratosdefic.com

doi: 10.33424/FUTURUM618

Fale como um(a) ...

antropólogo(a) da deficiência

Capacitismo — discriminação, preconceito ou viés social contra pessoas com deficiência, baseado na crença de que vidas com deficiência são menos valiosas ou desejáveis.

Galegos — Empregada em Filís para descrever pessoas albinas, que convivem com uma condição genética rara, caracterizada pela ausência do pigmento melanina na pele.

Pesquisa participativa criativa — uma abordagem

colaborativa de pesquisa que envolve ativamente os participantes na co-criação de conhecimento e na representação de experiências vividas, muitas vezes usando métodos artísticos ou expressivos.

Ativismo visual — o uso de mídias visuais como fotografia, cinema ou arte para desafiar injustiças, aumentar a conscientização e promover mudanças sociais ou políticas.

Projeto de pesquisa

Explorando deficiência e identidade por meio de retratos, podcasts e ativismo visual

Financiadores

Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas do Canadá (SSHRC); Fundação Wenner Gren; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPQ); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Western University

Desde as gigantescas pinturas a óleo de reis e rainhas até as sofisticadas fotografias de celebridades contemporâneas, os retratos sempre foram um símbolo de poder, status e riqueza. Por meio da exposição a essas representações, formamos uma imagem

de como uma pessoa feliz, saudável e bem-sucedida deveria ser.

Em contraste, pessoas com deficiência são frequentemente retratadas em contextos de tristeza ou sofrimento. Instituições de caridade nos mostram imagens de pessoas com deficiência e nos pedem ajuda, apoio

ou compaixão, enquanto a publicidade médica e de saúde nos apresenta os problemas causados pela deficiência e como eles podem ser resolvidos ou até “curados”.

“A deficiência geralmente é retratada como algo indesejável, como se fosse o oposto de saúde, beleza, sucesso profissional, parentalidade e felicidade”, diz a Dra. Nádia Meinerz, da Universidade Federal de Alagoas. “Criar representações positivas da deficiência é importante para mudar a forma como nos sentimos em relação às pessoas com deficiência e como as enxergamos.” Ela colaborou com a Dra. Pamela Block, da Western University, e Bruna Teixeira, do coletivo artístico feminista Ateliê Ambrosina, em um projeto de pesquisa participativa criativa chamado Retratos Defiças (ou Defiant Portraits, em inglês).

Esse projeto inspirou pessoas com deficiência para co-criarem autorretratos usando mídias visuais e podcasts. “O objetivo de Retratos Defiças era criar um espaço para que pessoas com deficiência se representassem da maneira que quisessem ser representadas, para que fossem vistas como desejam ser vistas”, explica Pamela. “Essas são pessoas fortes, criativas, engenhosas, engraçadas e interessantes, e foi um enorme prazer trabalhar com elas para dar vida a esses retratos.”

Retratos e podcasts

Durante Retratos Defiças, 22 duplas co-criativas produziram 11 obras visuais e 11 episódios de podcast. “Em cada dupla, uma ou ambas as partes co-criativas apresentavam algum tipo de deficiência”, explica Pamela. “Algumas pessoas já tinham experiência prévia com arte, enquanto para outras isso foi uma experiência totalmente nova.”

“Antes de começar o projeto, fiz uma pesquisa extensa sobre o potencial da arte visual como ferramenta de ativismo em deficiência durante o meu mestrado em antropologia”, conta Bruna. “Descobri obras contemporâneas vibrantes feitas por mulheres com deficiência, que mostravam o valor dos autorretratos como uma forma de as pessoas se tornarem protagonistas de suas próprias imagens.”

A ideia de usar podcasts como “retratos sonoros” foi parcialmente inspirada pelo Disability Visibility Project, fundado por Alice Wong, uma ativista com deficiência. “Esse projeto inclui um canal de podcast onde pessoas com deficiência contam suas histórias, e ouvir esse tipo de narrativa autobiográfica nos permitiu pensar nos retratos sob uma nova perspectiva”, diz Nádia.

Co-criação e pesquisa participativa

Durante todo o projeto, Bruna e sua equipe de artistas com deficiência do Ateliê Ambrosina ofereceram suporte às duplas co-criativas em seus processos artísticos, além de garantir

acessibilidade. “Somos uma organização ‘mão na massa’, e ajudamos a tornar esse projeto realidade”, diz Bruna. “Fazer um projeto de pesquisa participativa criativa funcionar no ‘mundo real’ requer uma abordagem diferente daquela usada em projetos que acontecem na comunidade acadêmica, dentro dos muros da universidade.” Precisávamos de outra linguagem, outra forma de fazer as coisas e de nos comunicarmos, uma forma que nos permitisse improvisar e ser espontâneas junto com os participantes.” Durante o processo criativo, as comunicações com as duplas co-criadoras foram protagonizadas pelas ativistas defiças Laert Malta, que convive com baixa visão, e Olga Aureliano, que convive com deficiência auditiva. Mais que comentários técnicos e artísticos, elas apresentaram retornos valiosos para pensar a pessoa com deficiência como público da produção artística.

Como se tratava de um projeto de pesquisa participativa criativa, as duplas co-criativas não eram apenas participantes, mas também colaboradoras, influenciando os objetivos e métodos do projeto, além de adaptar e aprimorar a visão original de Pamela e Nádia. “Originalmente, tínhamos planejado que pessoas com deficiência seriam pareadas com pesquisadoras, mas os participantes nos disseram que isso era limitador demais”, explica Pamela. “No fim, deixamos que escolhessem suas próprias duplas.”

Essa co-criação exigiu cooperação e divisão igualitária da autoria, além da disposição de cada integrante da dupla para refletir sobre suas próprias posições. “A pessoa com deficiência precisava romper com o ciclo de se ver apenas como paciente de um diagnóstico, assumindo a autoria de sua história e de sua criação”, explica Nádia. “Já a pessoa sem deficiência precisava

encarar a questão do capacitismo e se conectar com sua parceira de forma positiva. Assim como questões de gênero envolvem homens e mulheres e questões raciais precisam ser enfrentadas por pessoas brancas, a deficiência precisa ser encarada como algo que diz respeito a todos, não apenas àqueles rotulados como deficientes.”

Compartilhando os retratos

Os retratos e podcasts foram exibidos em uma galeria de arte digital online. Eles foram tornados acessíveis para pessoas cegas e com baixa visão por meio de audiodescrição, e para pessoas surdas por meio da transcrição de cada episódio de podcast. Todo esse conteúdo está disponível em português e inglês. A equipe organizou exposições de arte presenciais no Brasil e no Canadá, nas quais os artistas puderam participar remotamente e responder a perguntas. Também foram realizados quatro debates online em torno de temas como sexualidade, identidade indígena e acessibilidade. “Escolhemos uma obra visual e um podcast para cada uma dessas discussões e reunimos grupos de acadêmicos, artistas e ativistas do Brasil e do Canadá para refletirem e criarem trabalhos em relação a essas peças”, conta Pamela. A equipe também publicou um dossiê temático reunindo as obras e apresentações criadas a partir dessas discussões online.

“Esse projeto abrangeu um período muito importante da história brasileira”, continua Pamela. “Durante a crise da Covid-19 e o governo Bolsonaro, todas as principais estruturas de governança entraram em colapso. Saúde, educação, saneamento e até os correios deixaram de funcionar, e mesmo assim, em meio a todo esse caos, esse projeto tão bonito acontecia, permitindo que as pessoas se conectassem e proclamassem: ‘Eu existo. Eu importo. Eu não estou só.’”



Libellum © Amanda Bambu e Gabi Amorim

Sobre a antropologia da deficiência

Antropologia da deficiência examina como a deficiência é percebida e representada em diferentes culturas, como ela afeta a vida das pessoas e a inter-relação entre deficiência e identidade. É uma subdisciplina da antropologia sociocultural, que investiga sociedades e culturas humanas, com foco em como as pessoas vivem, pensam, interagem e constroem significado em suas vidas cotidianas.

Os temas estudados por antropólogos socioculturais refletem a variedade e diversidade dos indivíduos e de suas comunidades. “Quando comecei a trabalhar com antropologia, nem existia algo chamado antropologia da deficiência – só existia antropologia médica, com a qual eu nunca havia trabalhado”, diz Pamela. “Eu era uma antropóloga sociocultural fazendo pesquisa sobre deficiência, e naquele momento, não havia um espaço para isso no campo, mas as coisas mudaram desde então.”

Antropólogos da deficiência usam diversos métodos de pesquisa, incluindo observação participante, grupos focais, entrevistas, auto-etnografia e pesquisa participativa criativa. “Na pesquisa participativa, todo o processo – decidir o que será perguntado, como será perguntado e o que fazer com as informações – é definido em conjunto com a comunidade”, explica Pamela. “Às vezes, pesquisadores têm dificuldade de abrir mão desse controle, mas acredito que esse é o modo mais ético de fazer pesquisa.” O aspecto criativo da pesquisa participativa significa que os resultados da pesquisa não são apenas artigos acadêmicos publicados em revistas científicas. “Esse tipo de pesquisa envolve mais do que simplesmente escrever palavras em uma página, então as obras de arte e os podcasts também fazem parte dos resultados do nosso projeto”, continua Pamela.

Além de colaborar com grupos, comunidades e outros participantes, antropólogos costumam trabalhar em parceria com especialistas de outras áreas, como ciências sociais e políticas, linguística, história, medicina e estudos de mídia. Essa forma interdisciplinar de trabalho permite que a antropologia explore questões humanas a partir de múltiplas perspectivas. “A antropologia pode aprender muito com as artes visuais e as tecnologias digitais, especialmente para aprimorar as ferramentas de pesquisa e ampliar as possibilidades de impacto social”, diz Nádia.

O caminho da escola até a antropologia da deficiência

Estude humanidades e ciências sociais na escola. Disciplinas como história, psicologia e geografia podem te preparar para a antropologia cultural e a arqueologia. Gramática e literatura podem servir como base para a antropologia linguística, enquanto saúde e biologia te preparam para a antropologia médica ou física. Aprender outros idiomas também pode ser útil para o trabalho de campo antropológico.

A maioria das universidades oferece cursos em antropologia, e você pode se especializar conforme avança nos estudos. “Seja lá o que te interessa – de videogames a insetos – provavelmente existe um antropólogo em algum lugar que estuda esse tema”, diz Pamela. “Então, procure por projetos ou livros de antropologia sobre os temas que te atraem.” Busque oportunidades de participar de pesquisas, trabalhos de campo ou ações comunitárias, especialmente estágios ou experiências que permitam que você se aproxime de culturas ou vivências diferentes das suas.



Conheça Pamela

Sempre me interessei por entender por que existem diferenças de poder entre diferentes grupos na sociedade, e segui esse interesse estudando desigualdades raciais, de gênero e, eventualmente, desigualdade relacionada à deficiência.

É difícil escolher só uma coisa que eu amo no meu trabalho. Gosto da pesquisa, mas o que realmente me encanta é a oportunidade de poder ensinar algo que transforme a vida das pessoas para melhor, que as ajude a descobrir o que querem fazer da vida. Gosto de ver aquela “luzinha” acender.

Minha persistência foi o que me permitiu construir uma carreira de sucesso. Nessa vida, sempre vão existir pessoas dizendo que você não pertence a determinado lugar ou que você não é bom o bastante. Pode levar algum tempo e exigir criatividade para descobrir como e onde você se encaixa na área que escolheu. Encontre pessoas que te incentivem e te apoiem. Também é importante ser flexível e estar aberto a se mudar para onde estiverem as oportunidades.

Tenho uma irmã autista e minha mãe foi professora de educação especial. Ao longo dos anos, atuei como ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, pesquisadora e assistente pessoal de pessoas com deficiência durante minha vida universitária. Tive um mentor, o historiador Lawrence Goodwyn, que dizia: “Conhecimento social é experiencial”, ou seja, temos mais paixão por aquilo que vem da nossa própria vivência. Para mim, viver com uma irmã com deficiência

e ter algumas questões relacionadas à deficiência (TDAH e ansiedade) foi o que me motivou.

Para relaxar, eu gosto de passar tempo fora de casa, caminhando ou andando de caiaque. Faço parte de um grupo ativista de percussão do qual gosto muito. Tenho um cachorro com quem adoro passar o tempo, e tenho a sorte de ter filhos e um marido que são ótimos cozinheiros, então adoro comer tudo o que eles preparam (e eu lavo a louça!).

Melhores dicas da Pamela

Encontre um bom mentor e continue aprendendo ao longo do caminho. Não tenha medo de cometer erros, nem de pedir desculpas por eles. Tenha humildade e compreenda que, mesmo quando você estiver avançado o suficiente para se tornar um(a) professor(a) como eu, ainda será um(a) aprendiz, e sempre será.



Conheça Nádia

Meus pais são descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram no sul do Brasil no início do século XX. Eles fizeram parte do que chamamos de “políticas de branqueamento”. Eu já conhecia esse legado racista quando estudei antropologia no Rio Grande do Sul, mas migrar para Alagoas mudou minha perspectiva. Foi aqui, enquanto treinava outros antropólogos, que percebi o quão limitado era meu conhecimento, especialmente porque minhas referências eram eurocêntricas.

Gosto de poder contribuir para a construção de espaços seguros onde mulheres, pessoas negras, indígenas e com deficiência possam acessar a educação formal e construir uma carreira de pesquisa própria. O mais importante é usar meu privilégio de mulher branca, cisgênero e sem deficiência para discutir como o racismo, o capacitismo e a transfobia estão interligados à desigualdade de gênero.

A pesquisa em desigualdade de gênero, sexualidade e deficiência é uma grande oportunidade para observar mudanças estruturais na cultura e na sociedade. O curso de antropologia social da Universidade Federal de Alagoas trabalha com organizações locais para apoiar e incentivar estudantes a produzir projetos multimídia que aumentem a conscientização sobre essas mudanças.

Uma das coisas que mais me relaxam é caminhar. Eu caminho bastante nas praias de Maceió, molhando os pés na água do mar e observando o movimento das ondas. Também gosto de caminhar pela mata, fazer trilhas e descobrir novas paisagens. Só considero que realmente visitei uma nova cidade depois de andar por ela a pé.

Melhor dica da Nádia

Preste atenção em como as pessoas ao seu redor reagem a temas difíceis, especialmente quando evitam ou resistem a eles, e pense por que podem estar reagindo assim. Nem sempre é fácil se posicionar, mas até pequenas ações ou perguntas podem fazer a diferença.

Explore carreiras na antropologia da deficiência

“Antropólogos trabalham em diversas áreas”, diz Pamela. “Em todo o mundo, antropólogos médicos colaboram com profissionais da saúde em pesquisas, no ensino e também em projetos de saúde comunitária. Antropólogos atuam em organizações sem fins lucrativos, museus, órgãos governamentais e universidades.”

Explore os sites da Associação Canadense de Antropologia (cas-sca.ca), da Associação Brasileira de Antropologia (portal.abant.org.br) ou da Associação Americana de

Antropologia (americananthro.org) para conhecer as pesquisas mais recentes. Você também pode se tornar um estudante e participar de eventos e conferências.

Descubra mais sobre as últimas histórias e descobertas de pesquisadores da antropologia de todo o mundo lendo revistas e periódicos online como *Sapiens* (sapiens.org), *Somatosphere* (somatosphere.net) ou *Vibrant* (Virtual Brazilian Anthropology) (vibrant.org.br).

Ateliê Ambrosina

O Ateliê Ambrosina é um coletivo de arte feminista e grupo ativista fundado por Bruna, em Alagoas, Brasil. “Em 2017, eu procurava um grupo feminista com o qual pudesse colaborar”, conta Bruna. “Mas percebi que os principais movimentos feministas da cidade estavam ligados a partidos políticos liderados por homens, o que não me convencia. Então, reuni novas e velhas amigas e fundamos o Ateliê Ambrosina em 2018. Realizamos ativismo, projetos de pesquisa, intervenções e eventos liderados por mulheres LGBT, mulheres brancas, mulheres negras, mulheres gordas, mulheres com deficiência e mulheres de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e idades.”

As integrantes do Ateliê Ambrosina são “artistas”, ou seja, usam a arte como forma de ativismo. “Usamos todos os tipos de arte, incluindo artes visuais, criações audiovisuais, música, teatro e podcasts”, explica Bruna. “A antropologia me ensinou a ser uma ativista melhor, ouvindo as pessoas com mais atenção e paciência.”

O Ateliê Ambrosina mantém uma escola comunitária, chamada de Casa Ambrosina, localizada em Maceió, cidade natal de Bruna. “A Casa Ambrosina apoia o acolhimento e a emancipação de meninas e jovens de 12 a 21 anos em situação de vulnerabilidade social”, diz Bruna. “Oferecemos cursos semanais em áreas como fotografia, artes digitais, teatro,

percussão e futsal (futebol de salão).” As integrantes da Casa Ambrosina também oferecem orientação e apoio em temas como combate à pobreza, gravidez na adolescência e abuso sexual, buscando ampliar as possibilidades de liberdade e escolha das alunas em seus futuros.

Você pode conhecer mais sobre os ousados, belos e inovadores projetos do Ateliê Ambrosina acessando o site: ateliambrosina.com.br



Conheça Bruna

Como ativista independente, foi maravilhoso trabalhar com mulheres ativistas acadêmicas como Pamela e Nâdia. Aprendemos muito umas com as outras! O segredo do sucesso em projetos como esse é garantir que os relacionamentos sejam honestos, diretos, transparentes e espontâneos. O desejo de aprender a se comunicar com diferentes tipos de pessoas, sejam elas acadêmicas ou moradoras de comunidades isoladas, me ajudou imensamente.

Chega um momento em que os projetos precisam sair da teoria e virar prática. Acho que uma das minhas maiores qualidades é saber exatamente quando esse momento chega e como fazer para que ele aconteça. Também me comprometo a expor publicamente os resultados dos projetos dos quais participo, porque acredito que

iniciativas ativistas devem alcançar o maior número possível de pessoas. Acredito que ter a coragem para receber feedbacks é extremamente importante, tanto para melhorar no futuro quanto para incentivar a continuidade das nossas ideias.

Tenho mestrado em antropologia pela Universidade Federal de Alagoas e atualmente estou fazendo doutorado em artes visuais na Universidade de Brasília. Minha pesquisa agora é voltada para minha própria experiência corporal enquanto pessoa queer e de corpo plural, sem fronteiras entre os gêneros de mulher lésbica e pessoa transmasculina. O que me motiva é saber que os nossos olhares queer ainda são sub-representados nas artes visuais no Brasil. Expandir o acesso e o prazer pelas artes visuais a partir de um ponto de vista queer me anima. Minha prática artística oscila entre a urgência do ativismo e processos investigativos de longo prazo. Você pode conhecer mais do meu trabalho no site: brucateixeira.com.br

Como artista e pesquisadora, tive o privilégio de conhecer Nâdia, uma

orientadora apaixonada pela antropologia da deficiência, estudos de gênero e sexualidade. Ela realmente transformou minha forma de ver o mundo, e isso não tem preço.

Sou uma artista independente, então a linha entre lazer e trabalho não é muito bem definida! Mas, quando não estou me divertindo trabalhando, gosto de ir à praia, visitar galerias de arte, fazer trilhas, jogar sinuca, comer bem, encontrar amigos, rir e ter boas conversas.

Melhores dicas da Bruna

1. Procure pessoas que possam te orientar, mas certifique-se de que elas vejam essa relação como uma troca baseada em respeito e admiração mútuos.
2. Não desista do seu projeto. Quando você encontrar algo que realmente ame, nunca deixe de acreditar nisso!
3. No campo das artes visuais: pratique, experimente, faça.



Filús

Pamela colaborou com Bruna e o Ateliê Ambrosina em outro projeto de pesquisa participativa criativa chamado Filús, no qual co-criaram um documentário com, para e sobre as pessoas que vivem nessa comunidade. “A comunidade de Filús descende de um tipo de comunidade brasileira chamada quilombo, formada por pessoas escravizadas que fugiram para as florestas e montanhas”, explica Pamela. Localizada em uma área remota no nordeste do Brasil, as pessoas de Filús enfrentam dificuldades para acessar educação, emprego, saúde e água potável, embora desenvolvimentos recentes incluam uma pequena escola para crianças, um posto de saúde e algum acesso à internet.

“Em Filús, há uma concentração de pessoas com albinismo maior do que em quase qualquer outro lugar do mundo”, diz Pamela. “Em boa parte do mundo, o albinismo é visto como uma deficiência, mas não acho que seja assim que as pessoas de Filús enxergam. É claro que veem como uma desvantagem, já

que afeta a visão e torna a pele mais vulnerável ao câncer, mas fora isso, não veem como algo estranho, assustador ou negativo. É apenas parte de quem elas são.”

“Infelizmente, pesquisas anteriores realizadas em Filús foram principalmente biomédicas e extrativistas”, continua Pamela. “Cientistas vinham coletar informações e amostras médicas, mas, segundo membros da comunidade, davam muito pouco em troca, apesar de receberem bolsas de pesquisa no valor de centenas de milhares de dólares. Nenhum centavo desse dinheiro retornava à comunidade.”

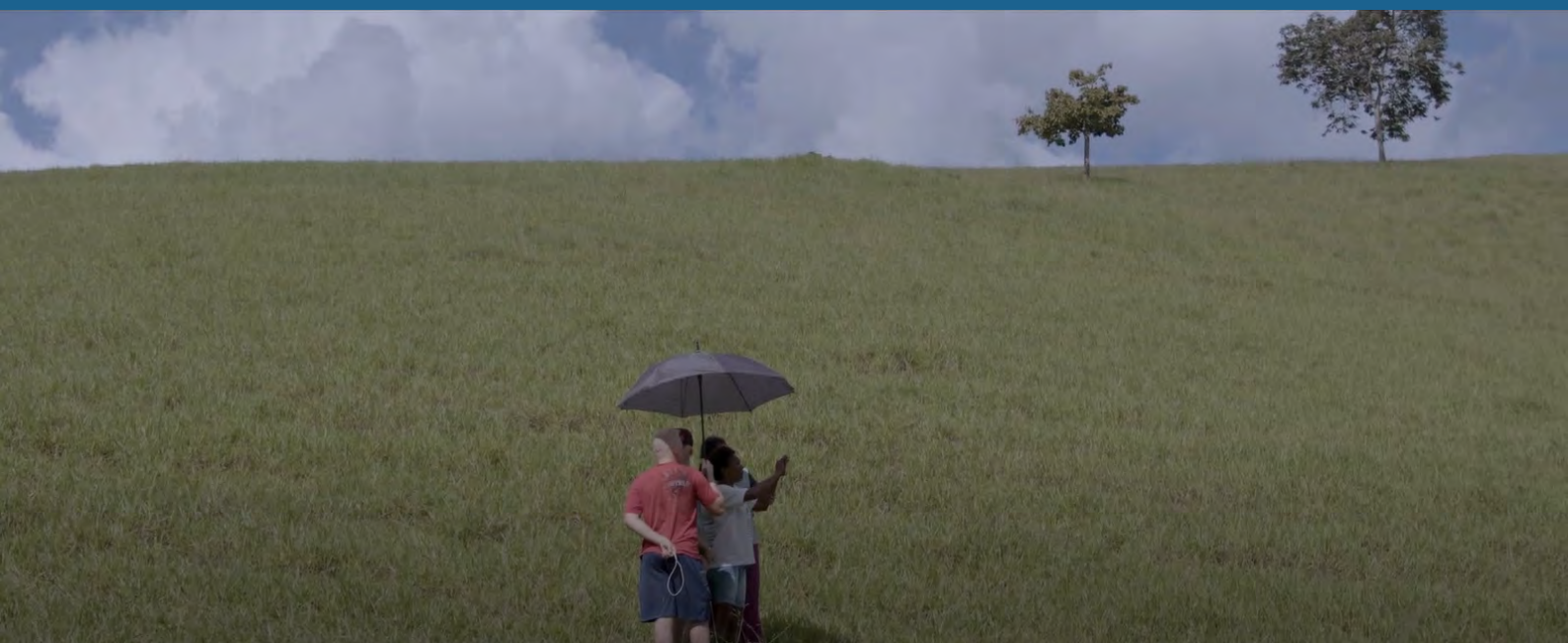
Pamela e Bruna queriam que o projeto de pesquisa delas fosse diferente. “Queríamos que a comunidade tivesse o controle e que os recursos recebidos fossem compartilhados com ela”, explica Pamela. Enquanto a comunidade compartilhava histórias de suas vidas, a equipe do Ateliê Ambrosina compartilhava sua expertise em produção audiovisual. Tudo, desde as entrevistas e a criação do roteiro até as edições finais, foi realizado de forma co-criativa. “Era muito

importante que o controle do projeto estivesse com a comunidade e que qualquer coisa feita fosse aprovada por eles”, diz Pamela. “A equipe do Ateliê Ambrosina tem muita experiência com esse tipo de pesquisa participativa e foi excelente em construir uma relação de confiança e respeito mútuo.”

Além de oferecer capacitação técnica e formar membros da comunidade, a equipe do Ateliê Ambrosina pagou os participantes e contratou moradores locais para trabalhar com eles no projeto. “No entanto, a economia criativa não gira apenas em torno da distribuição justa de recursos”, diz Bruna. “Ela também envolve reconhecer a coautoria, então toda a equipe local também foi creditada na pesquisa e na produção do filme.”

“A história é contada melhor no próprio filme e pelas pessoas que vivem em Filús”, conclui Pamela. Você pode assistir ao documentário Filús no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=rldcnkv-e2k&t=496s>



Pontos de discussão

Conhecimento e Compreensão

1. Quais eram os objetivos do projeto Retratos Defiças e como eles foram alcançados?
2. O que é pesquisa participativa criativa e como ela se diferencia dos métodos de pesquisa tradicionais?
3. Por que é importante que pessoas com deficiência co-criem seus próprios retratos, em vez de apenas serem retratadas por um artista?

Aplicação

4. Quais áreas da antropologia mais te interessam e por quê? Quais passos você pode dar agora em direção a uma carreira em antropologia? Quais habilidades relevantes você já possui?

Análise

5. Como e por que a pesquisa participativa co-criativa é valiosa dentro da antropologia sociocultural? Por que é importante que a pesquisa antropológica não seja unilateral?
6. Pamela, Nádía e Bruna queriam tornar o projeto Retratos Defiças acessível para todos. Em que medida você acha que esse objetivo foi alcançado? Por que a acessibilidade é importante?
7. Trabalhar com antropologia da deficiência envolve colaboração com colegas de outras áreas, como ciências sociais e políticas, medicina, artes visuais e tecnologia. Quais são os benefícios dessa colaboração? E quais desafios podem surgir nesse tipo de parceria?

Avaliação

8. O capacitismo nem sempre é tão presente na consciência pública quanto outros preconceitos, como o racismo ou o sexismo. Por que você acha que isso acontece, e qual impacto você acredita que isso provoca?
9. De que forma aprender sobre o trabalho de Pamela, Nádía e Bruna mudou sua forma de ver a deficiência?

Criatividade

10. Os projetos Retratos Defiças e Filús usaram artes visuais, retratos sonoros e documentários para representar de forma co-criativa a deficiência e as experiências vividas de uma maneira nova, e para desafiar atitudes capacitistas. Que outras ideias você teria para colaborar com pessoas com deficiência e iniciar conversas que levem as pessoas a refletirem sobre o capacitismo?

Antropologia da deficiência

Com Dra Pamela Block, Dra Nádía Meinerz e Bruna Teixeira

Atividades

1. Retratos pessoais

Em grupos pequenos, acesse o site do projeto Retratos Defiças (retratosdeficidas.com) e explore os retratos disponíveis. Escolha uma obra visual e um episódio de podcast e discuta como a deficiência foi representada e qual mensagem ou história os criadores quiseram transmitir.

Depois, crie seus próprios retratos visuais ou sonoros. Para um retrato visual, você pode usar pintura, desenho, colagem ou fotografia, e para um retrato sonoro, pode usar palavra falada, música ou outros tipos de gravação. Use seu retrato para retratar ou refletir sobre os aspectos da sua identidade que você gostaria de destacar. Considere:

- Qual história estou tentando contar?
- O que torna essa história única na minha experiência pessoal?
- Como posso usar diferentes mídias visuais ou sonoras para me ajudar a expressar minha identidade?

Compartilhe seu retrato com o grupo. Seu retrato ajudou as outras pessoas a entenderem você e sua identidade? Você aprendeu coisas novas sobre seus colegas através dos retratos deles?

Refleta sobre sua experiência ao produzir o retrato. O que você mais gostou nessa experiência? Quais foram os desafios e como você os superou? O que você faria diferente da próxima vez?



Sob pó e horas contadas © Ana Candido e Caroline Gouveia

2. Representações da sua escola

Imagine que você é um(a) antropólogo(a) da deficiência entrando na sua escola ou faculdade para estudar a cultura e as experiências de pessoas com deficiência. Crie um roteiro visual (storyboard) para um documentário sobre esse tema. Considere:

- Qual história você quer contar? Como vai usar áudio e vídeo para contar essa história?
- Como garantir que as vozes de diferentes grupos da escola/faculdade sejam representadas (alunos de diferentes anos, professores, equipe administrativa, entre outros)?
- Como comunicar as experiências cotidianas das pessoas da escola/faculdade de uma forma que possa ser compreendida por pessoas ao redor do mundo?
- Como as pessoas com deficiência são visíveis ou invisíveis na sua escola/faculdade? O prédio da escola/faculdade é acessível para pessoas com deficiência?
- Você tem pessoas com deficiência na sua família ou entre amigos? Pergunte a elas se elas se sentem incluídas ou excluídas das atividades escolares. Eventos públicos na escola são acessíveis para pessoas com deficiência (como exposições de arte, palestras, filmes, reuniões públicas e até eleições)?
- Como a escola poderia se tornar um lugar mais acolhedor para pessoas com deficiência?

Depois de montar o roteiro visual, considere transformar seu documentário em realidade. Pense no seguinte:

- Que equipamentos e habilidades seriam necessários?
- Como você garantiria o consentimento das pessoas que aparecem no seu filme?
- Como garantir que o roteiro e as filmagens sejam produzidos de forma colaborativa?
- Onde estão as pessoas com deficiência na sua equipe de documentário? Qual é o papel delas?
- Como tornar o documentário acessível a todos?

Mais recursos

- Visite o site do Disability Visibility Project para ler textos, ver retratos e ouvir podcasts em inglês: disabilityvisibilityproject.com

- Assista ao vídeo no YouTube sobre o projeto Retratos Defiças, que mostra os objetivos do projeto, imagens dos retratos visuais e trechos dos retratos sonoros: youtube.com/watch?v=J2XovB4L9Bg

- Explore as obras de Frida Kahlo (México), Riva Lehrer e Sunaura Taylor (EUA), Mary Katayama (Japão), Yulia Taitis (Rússia) e Sonia Soberats (Venezuela), que inspiraram Pamela, Nádia e Bruna quando estavam explorando ideias para o projeto Retratos Defiças.

- Leia estes dois artigos sobre diferentes áreas da antropologia no site Futurum Careers: futurumcareers.com/what-if-we-could-step-in-the-shoes-of-migrants-and-inhabitants-on-the-island-of-lampedusa e futurumcareers.com/what-lessons-can-we-learn-from-past-pandemics



Arte é curativa © Helane Alencar e Silza Freire

Montagem fotográfica

À direita: Pamela, Nádia e Bruna com duas artistas do Ateliê Ambrosina, Olga e Malta.

Canto inferior esquerdo: O projeto Retratos Defiças aconteceu durante a pandemia de COVID-19, então muitas das discussões aconteceram online.

Canto inferior direito: Foto do primeiro encontro da equipe com a comunidade Filús. “Essa imagem é de antes da confiança ser estabelecida e dá para ver isso nas expressões das pessoas”, diz Pamela. “Naquele momento, elas não sabiam quem éramos nem o que queríamos. Foi preciso construir a confiança ao longo do processo.”



“

O segredo do sucesso em projetos como esse é garantir que os relacionamentos sejam honestos, diretos, transparentes e espontâneos. O desejo de aprender a se comunicar com diferentes tipos de pessoas, sejam elas acadêmicas ou moradoras de comunidades isoladas, me ajudou imensamente. -

Bruna

”

Visite a galeria no site Retratos Defiças para encontrar descrições completas de cada obra de arte, junto com os depoimentos dos criadores sobre suas experiências: retratosdeficas.com/galeria

Ser em si © Adrianna Reis e João Carlos



Sob pó e horas contadas © Ana Candido e Caroline Gouveia

+44 117 909 9150
info@futurumcareers.com
www.futurumcareers.com

futurum 

